



# DESCOBRINDO O SOM, A PALAVRA E A COMUNIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DE UMA WEBRÁDIO EDUCATIVA

SÍLVIO CORREIA SANTOS

MARIA JOSÉ BRITES

ANA JORGE

## Introdução

As rádios comunitárias estão intimamente ligadas a uma vontade de mudar, a uma consciência de que a mudança é possível e ocorre ao nível do indivíduo e do seu contexto mais próximo no quotidiano. É nas interações do dia-a-dia que se formam – e por consequência alteram – significativamente as atitudes face aos outros, bem como as próprias identidades, como estipulou o interacionismo simbólico, de George Herbert Mead (2009), entre outros. Por consequência, é também ao nível do quotidiano e das interações sociais que os investimentos na cultura e na educação podem efetivamente trazer frutos no que se refere à alteração das percepções, representações e atitudes face à sociedade e ao papel do indivíduo no mundo. Estamos na esfera da intervenção de proximidade, da interação e da partilha, isto é, na promoção de uma mudança que resulta da ação sinérgica do indivíduo e do grupo.

As rádios comunitárias atuam, precisamente, no domínio deste dialogismo de proximidade com o indivíduo e com o grupo. As suas raízes encontram-se em projetos ligados à luta por direitos cívicos ou laborais e também em intervenções ligadas à educação (BUCKLEY, 2011). Não podemos, pois, conceber as rádios comunitárias como um meio ideologicamente neutro. Ao invés, a sua implementação é, ela pró-

pria, uma forma de luta e intervenção cívica. Esta é, por ventura, uma das diferenças centrais em relação à rádio de serviço público (SANTOS, 2013), que com os *media* comunitários partilha uma orientação para o desenvolvimento social.

Foi esta convicção que fez nascer nos primeiros *RadioActivistas* a ideia de um canal *online* que pudesse intervir em contextos vulneráveis (ATWELL e STIEGLITZ apud BRITES et al., 2015). Não sendo formalmente um projeto de rádio comunitária em FM, é precisamente a esse tipo de estações que o *RadioActive* (RA) foi buscar o espírito de trabalho na comunidade e para a comunidade.

O *RadioActive Europe*<sup>1</sup> é um projeto que teve financiamento pela Comissão Europeia durante 2013 e 2014, no âmbito do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, e que foi desenvolvido no Reino Unido, Malta, Alemanha, Roménia e Portugal. Na prática, este projeto deu forma a uma rádio *online* chamada *RadioActive101* (RA101). Neste texto, refletimos sobre um conjunto de experiências pessoais e abordamos, de forma muito resumida, a implementação portuguesa do projeto, que atualmente está em fase de expansão para novos centros. Um olhar mais aprofundado sobre o projeto e as suas metodologias pode ser encontrado no trabalho publicado pela equipe do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), nomeadamente no que diz respeito à sua implementação através de uma fase de problematização (BRITES et al., 2014a), ao seu sistema de validação e avaliação, bem como às dificuldades e potencialidades das metodologias participativas (BRITES et al., 2015).

## Objetivos e metodologias

A RA101 é implementada em Portugal pelo CIMJ, em parceria com o Programa Escolhas, uma iniciativa governamental criada em 2001, atualmente tutelada pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), que pretende promover a inclusão e a coesão sociais, bem como permitir que crianças e jovens de contex-

---

1 *RadioActive Europe: promoting engagement, informal learning and employability of at risk and excluded people across Europe through internet radio and social media* (531245-LLP-1-2012-1-UK-KA3-KA3MP). O site europeu está disponível em <http://radioactive101.eu>; o site português pode ser visitado em <http://pt.radioactive101.eu>.

tos vulneráveis possam ter igualdade de oportunidades. Atualmente, o Programa apoia 110 projetos locais, a maioria dos quais contemplando a Medida de Inclusão Digital.

O *RadioActive Europe* criou um modelo pedagógico que se liga a um *kit* técnico de custos controlados para implementação de uma rádio *online* que possa atuar, entre outros, nesses mesmos contextos de vulnerabilidade e risco. A RA101 utiliza, pois, dinâmicas pedagógicas baseadas na comunidade para promover a inclusão, a empregabilidade e a cidadania ativa. O desenho e a implementação metodológica enquadram-se em pressupostos de Investigação Ação-Participação e Aprendizagem apoiada em tecnologia (RAVENSCROFT et al., 2014).

Fruto da influência do pedagogo Paulo Freire, o RA fomentou sempre um processo de aprendizagem em que os participantes eram envolvidos nos processos de identificação e análise dos problemas, isto é, no terreno, os investigadores não se apresentam como peritos, mas, ao invés, proporcionavam o desenvolvimento de condições e dinâmicas que, envolvendo o grupo, possam potencializar a aprendizagem de uma forma menos hierarquizada. A metodologia proposta é de natureza não-formal, ou seja, a atuação da RA situa-se num espaço em que a escola revela uma inflexibilidade que nem sempre é capaz de promover a integração e responder às necessidades daqueles que, efetivamente, mais precisam.

Neste contexto, um dos aspectos que podemos destacar é a percepção dos participantes em relação às aprendizagens não-formais da RA e à rigidez encontrada na escola. Isto mesmo atesta uma das participantes que dizia não gostar de português, mas que passou a usar a língua para poder escrever letras para músicas (BRITES et al., 2014c).

Antes não escrevia nem nada. Não gostava. Mas agora que existe a rádio e que eu sei que podia fazer o programa de música, inspirei-me mais e comecei a escrever mais (Menina, 15 anos, Entrevista, 2014).

Há, efetivamente, uma dimensão de complementaridade entre as duas esferas, como é exemplificado por um dos monitores:

eles aprendem muitas coisas na rádio. Como fazer uma entrevista. Como ser mais objetivo. Isso aprendemos na escola no 7º ano, quando estamos a dar o português com a parte da comunicação. Eles, com coisas tão simples como a rádio, aprendem a fazer uma pergunta mais objetiva ou a saber estruturar ou dizer: no programa passado fiz uma pergunta e ele não respondeu como eu queria. Agora, vou ter de ser mais objetivo na questão para ter melhor resposta (Monitor e Jovem Adulto, Entrevista, 2014).

Esta complementaridade traduz-se - não só no reforço de conceitos através de abordagens distintas, mas - também, no desenvolvimento de competências que permitem melhorar o desempenho transversalmente. Isto foi visível no campo da exposição vocal e postural, e mesmo na expressão no idioma nativo.

## **A RadioActive101 em Portugal**

Em 2013 e 2014, o projeto foi implementado em quatro centros apoiados pelo Programa Escolhas: um em Coimbra, dois no Porto e um (que se juntou posteriormente) em Gondomar. Nestes centros do Programa Escolhas participaram cerca de 70 jovens e jovens adultos. Adicionalmente, foram ainda envolvidos esporadicamente nas atividades alunos de universidades de Lisboa, Porto e Coimbra. A implementação da rádio foi feita em locais com características muito diversas no que respeita à composição etária, à existência de conhecimentos prévios no domínio da comunicação e às próprias capacidades de expressão, ao *know-how* dos técnicos e à inserção urbana da comunidade. Por isso, a fase de implementação, na qual se adaptaram os guiões de intervenção às características de cada centro, foi decisiva para o sucesso do programa (BRITES et al., 2014a).

No terreno, os investigadores do CIMJ promoveram sessões semanais de cerca de uma hora e meia, com conteúdos focados nas práticas jornalística e radiofônica (formatos informativos, produção radiofônica, comunicação oral, escrita e técnica) e na reflexão acerca das questões ligadas à comunidade envolvente e ao papel dos *media* (incluindo as tecnologias de forma geral) na vida dos participantes. Apesar de os conteúdos ligados ao jornalismo e à rádio terem uma nature-

za estruturada, houve sempre um incentivo à participação dos jovens através de abordagens flexíveis e tendencialmente informais. Isso era visível na própria disposição da sala, onde os participantes, os monitores e os investigadores se posicionavam de formas que contrariavam a hierarquia espacial de uma sala de aula tradicional. Ao mesmo tempo, havia uma atenção constante dos investigadores em relação à necessidade de adaptarem o desenvolvimento dos conteúdos a determinadas condições, nomeadamente, aos diferentes níveis de conhecimentos prévios demonstrados pelos jovens, ou à capacidade de atenção que o grupo demonstrava num dado dia. A prioridade da equipe de investigação passava pelo constante diagnóstico das condições que poderiam levar o grupo a envolver-se e os indivíduos a desenvolverem mais autoconfiança no seu desempenho (SANTOS et al., 2015).

Apesar de a rádio ser um meio com um nível limitado de exposição, alguns jovens nunca demonstraram qualquer interesse em dar voz ou ter protagonismo nas emissões. No entanto, em alguns deles foi possível passar de situações iniciais caracterizadas por falta de motivação pela atividade, para uma identificação forte com o projeto, ao direcionar a sua atividade para funções de natureza técnica, para a fotografia ou para a escrita (SANTOS et al., 2015). Efetivamente – e essa foi uma das grandes aprendizagens para muitos dos participantes –, a rádio só na superfície é voz.

Esta capacidade de adaptar constantemente o guião de intervenção ao diagnóstico dos fatores que poderiam favorecer o envolvimento foi uma das chaves dos bons resultados produzidos pelo RA. Esse conceito de adaptação e flexibilidade foi reconhecido por alguns dos participantes como muito bem coloca Santos (2015) quando coloca em destaque a seguida fala de uma das participantes do projeto:

Na rádio podemos fazer as coisas como queremos, enquanto que na escola temos de fazer as coisas da maneira que está estabelecida (Menina, 13 anos, 2014).

No entanto, para um pequeno número de participantes a RA não se diferenciava o suficiente das obrigações escolares. Um jovem da comunidade cigana abandonou precocemente o projeto, quando percebeu

que, para além da naturalidade informal do discurso oral que ele ouvia no rádio, existia um enorme trabalho de preparação – e essa preparação implicava um grau de comprometimento. Efetivamente, durante as sessões iniciais, alguns grupos eram particularmente instáveis, quer na composição quer na atitude perante a aprendizagem. Inverter o processo, antecipando as atividades práticas foi uma das formas mais eficazes de lidar com essa dificuldade. Ao mesmo tempo, a presença tutelar dos mais velhos foi-se revelando determinante para garantir essa estabilidade.

De forma geral, e apesar das diferenças entre os vários centros, podemos afirmar que houve uma progressiva identificação e apropriação dos jovens em relação à RA, o que se revelou determinante para que eles pudessem vencer a insegurança inicial e começassem a envolver-se ativamente. Os pequenos sucessos de cada um (resultantes de pequenas tarefas exequíveis) e os grandes feitos do grupo acabaram por ter resultados que consideramos positivos na autoconfiança dos participantes. Nas palavras de um dos participantes mais velhos:

Hoje podemos falar [na rádio] e fazer entrevistas e isso motiva-nos para continuar a aprender. E é autoconfiança, que nos faltava (Rapaz, 21 anos, 2014).

Aos poucos, a produção dos programas tornou-se cada vez mais fácil e passou a envolver progressivamente cada vez mais jovens com pouca ou nenhuma experiência prévia no campo.

### **Notas finais: expandindo o projeto**

No final do financiamento europeu, em dezembro de 2014, o RA em Portugal concorreu e foi distinguido pela Rede TIC e Sociedade, da Fundação para a Ciência e Tecnologia, com o Prémio Inclusão e Literacia Digital. Esta distinção veio financiar a expansão da rádio a seis novos centros Escolhas, durante o ano de 2015. O processo de expansão foi sempre uma das prioridades metodológicas do desenho do RA Europe. Havia que criar condições para que fosse possível multipli-

car facilmente o *kit* tecnológico e pedagógico, bem como garantir que a rádio poderia sobreviver ao final do financiamento europeu. Assim, foi fomentado durante os dois anos iniciais do projeto um sistema de aprendizagem em cascata que garantisse que as competências poderiam passar para novos participantes. Uma das ferramentas mais relevantes na prossecução desse objetivo é um livro que recolhe as boas práticas (BRITES et al., 2014b) e as reflexões dos parceiros europeus e que – a par com outros suportes de apoio disponibilizados no *site* do projeto<sup>2</sup> – serve para guiar a replicação da rádio.

Olhando em retrospectiva para o projeto, poder-se-ia pensar que a aposta na rádio era arriscada, uma vez que está diagnosticado um desligamento progressivo dos jovens em relação ao meio radiofónico. No entanto, o projeto mostrou que escolher a internet trazia duas grandes vantagens: levava a rádio para o terreno comunicacional quotidiano dos participantes e permitia uma grande facilidade (quer administrativa, quer técnica) de instalação.

É bem verdade que, para fazer rádio, um computador com ligação à rede é suficiente. Mas aqui também havia que puxar pela magia da rádio, pela sedução dos microfones e dos auscultadores e pela possibilidade de passar música e criar procedimentos técnicos que fossem – eles próprios – processos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, capazes de conferir competências passíveis de integrar um portfólio e um currículo, melhorando as possibilidades de os jovens encontrarem emprego a partir das suas posições de desvantagem relativa. Um computador, uma pequena mesa de som, um microfone e um gravador para reportagem foram a base deste estúdio portátil, capaz de envolver os jovens, mostrando-lhes a inesperada beleza daquilo a que tantas vezes não prestavam atenção: o som e as palavras.

---

<sup>2</sup> <http://training.radioactive101.eu>



## Referências

BRITES, M. J.; SANTOS, S. C.; JORGE, A.; NAVIO, C. Problematizar para intervir: Rádio online e educação para os media como estratégia de inclusão de jovens. **Observatório**, v. 8, n. 1, pp. 145–169, 2014a.

BRITES, M. J.; RAVENSCROFT, A.; DELLOW, J.; RAINEY, C.; JORGE, A.; SANTOS, S. C.; REES, A.; AUWÄRTER, A.; CATALÃO, D.; BALICA, M.; F. CAMILLERI, A. **Radioactive101 Practices**. Lisboa: CIMJ. 2014b.

BRITES, M. J.; JORGE, A.; SANTOS, S. C. RadioActive: Um projeto europeu de rádio online. In: ELEÁ, I. (Ed). **Agentes e vozes: um panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha**. (Yearbook 2014). Nordicom: University of Gothenburg, 2014c. Pp.181-186.

BRITES, M. J.; JORGE, A.; SANTOS, S. C. **Metodologias participativas: Os media e a educação**. Covilhã: LabCom Books, 2015. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015\\_10\\_metodologias\\_participativas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015_10_metodologias_participativas.pdf)

BUCKLEY, S. **Community media: A good practice handbook**. Paris: Unesco, 2011.

MEAD, G. H. **Mind, Self, and Society: From the Standpoint of a Social Behaviorist**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

RAVENSCROFT, A.; RAINEY, C.; BRITES, M. J.; SANTOS, S. C.; DELLOW, J. **RadioActive101: Using internet radio to break-down the boundaries for inclusion into smart cities**. Artigo apresentado no Workshop Smart City Learning/EC-Tel, Graz, Austria, 2014.

SANTOS, S. C. **Os media de serviço público**. Covilhã: LabCom Books, 2013. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015\\_10\\_metodologias\\_participativas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150629-2015_10_metodologias_participativas.pdf)